

PRESS-RELEASE

28 de Fevereiro de 2007

Pedro Proença Samadhi Samba

Inauguração: Sábado – 10 de Março às 16H00

Até 7 de Abril

Galeria Pedro Oliveira
Calçada de Monchique, 3 • 4050-393 Porto
Tel.: 22 200 71 31 / Fax.: 22 200 23 34
Tm: + 351 91 849 47 94
E-mail: galpo@mail.telepac.pt
Web site: www.galeriapedrooliveira.com

3ª feira – Sábado: 15H00 – 20H00

Sou do tempo em que se dava valor a esse vago cliché da semiótica a que chamávamos, qual pastilha, «significante flutuante» (a partir de Barthes e outras tangosas pandilhas!) – gosto de distanciar-me, sem esteticizante elegância quer de uma arte intencional (ò reino do óbvio e do codificado!) que se ergue em bicos dos pés em explicações supostamente «políticas» ou «poéticas» (notem as aspas!), quer dos embriagados do inefável e das sardinhas assadas do sublime (o sublime tem sido enquanto arte bluff e retórica, de Caspar David Frederich a Rothko, e se possível para lá deste) – prefiro versões mais quentes, menos tétricas e mais tântricas.

A exposição não é temática (ao diabo os temas de caracacá!), mas é climática. Chama-se Samadhi Samba porque sou um dedicado praticante de yoga (a prática acima de tudo, o resto é conversa ou desconversa!) e também porque as índias imaginárias me latejam (sambam?) dentro do sangue desde as minhas tenras infâncias. Desenhos em grande formato, pinturas (não dispenso esta experiência!) e instalações algo escultóricas contrabalançam a minha exposição anterior na Lisboa 20, em que escarafunchava em situações mais imateriais e caóticas (via scanner) com aparência fotográfica. Os problemas dos espaços são contrabandeados de media para media, mas o seu fugaz acasalamento é diverso, e as espumas nupciais é o que aqui se vê. Tagarelices, emoções, desconversas, burburinhos, ou como diria (ver mais à frente) o A. L., «apatia, transe, euforia, revolta, angústia, serenidade, etc.».

Apetece-me chamar à baila alguns percursos – o Álvaro Lapa porque o corpo, a vida, a literatura (e a teoria, mesmo a fingir que não o é) e outras tantas coisas são inseparáveis do que teimamos chamar arte (com uma alegria post-nietzchiana mais forte e consciente que a das grécias); o Marcel Broodthaers porque me acena com uma experiência dentro de uma ironia para lá da ironia; o James Lee Byars e o seu pitagorismo ora performativo ora escultórico (mas corrigido numa versão ultraprofanada (que se lixe a transgressão, é coisa adolescente!), aprofundando mais e mais uma «pornoecologia» na complexidade (o que é isto?)); e também Richard Tuttle, pela sua simpatia e cativante badalhoquismo.

Pedro Proença (Fevereiro 2007)

Para imagens ou mais informações, contacte Nuno Lapa através dos contactos da Galeria Pedro Oliveira.